

**ANA FERRAZ: UM CORDEL
PARA QUEM CUIDA DO CORDEL**



ISABELLY MOREIRA



Autoria
Isabelly Moreira

Curadoria
Museu da Pessoa

Xilogravura Capa
Lucelia Borges, sobre desenho de Jô Oliveira

Design Gráfico
Mariana Afonso

Impressão
Editora Coqueiro

Revisão e Consultoria
José Santos e Marco Haurélio

ANA FERRAZ: UM CORDEL PARA QUEM CUIDA DO CORDEL



Ana Cely Ferraz Santos,
A nossa Aninha Ferraz,
Tem história tão bonita
Que nem o tempo desfaz;
Eis a força sertaneja
De tudo que Ana traz.

Anos idos, tempo atrás,
Na cidade de Floresta,
No sertão de Pernambuco,
Comunidade modesta,
Ano de setenta e um
Nascia a dona da festa.

Família simples e honesta:
Sua mãe foi professora
De uma escola primária,
Da classe trabalhadora.
O gosto pelo cordel
Lhe tornou ávida leitora.

Eis a força inspiradora
Do pai na lida com gado:
Com bode e com criação,
Foi no ramo sustentado
E pelas pegas de boi
Foi corredor empenhado.

Cada vaqueiro encourado
Relembra o tempo em criança
Das festas de padroeiro,
Das missas, da vizinhança,
Do Riacho do Navio
Que banha a sua lembrança.

Como é imensa a bonança
Da árvore farta da arte!
O cordel que vem da feira
Se espalha por toda parte
E o aboio virou canto
Para Ana um estandarte.

Estava pronto o encarte
Da menina já crescida
Que seguiu pra capital
Para melhorar de vida
E foi na literatura
Que construiu sua lida.

Carreira estabelecida,
Ao se tornar professora,
Já casada, já com filho,
Veio a chance promissora
Ao assumir a Coqueiro,
Uma importante editora.

Assim, líder e editora,
Se destacou no mercado,
Elevou todo cordel
Pra ser comercializado
E junto de cada história
Cada autor era elevado.

Foi imenso o resultado
Vindo nessa investidura:
Se apequenavam o cordel,
Aninha dava estrutura
De crescer, de vender mais
A nossa literatura.

Os versos ganham postura
Nos palcos, grandes eventos,
Com stand, com aplauso,
Com união, com intentos,
Levando nomes conhecidos
E revelando talentos.

Muitos reconhecimentos,
Porém muitos desafios,
Aninha sabe chover
Mesmo em dias de estios:
Se a chama da rima apaga,
Ela acende esses pavios.

Defende o cordel na mão
Do professor, da escola,
Defende a poesia oral,
Cantoria de viola,
E sempre tem um folheto
Preenchendo uma sacola.

Na produção se decola
Com mulheres no cordel,
Que vêm conquistando espaço
E cada vez mais papel.
Sabemos bem que essa luta
Nunca tem gosto de mel.

Aninha passa o pincel
Para ir mudando as cores:
Leonardo, Arthur e Lucas
Seus três filhos, três amores,
Devem ter bastante orgulho
Da mãe rica de valores.

Velhos passos precursores
Nos dão mais conhecimento,
Provando que a cultura
Não se ergue de momento,
Mas se faz das mãos unidas
Que plantam pertencimento.

Gosto deste ensinamento:
Poeta não é somente
Quem faz versos e poesia
Mas é também quem a sente,
Quem sabe o valor do fruto,
Sem esquecer da semente.

Eis a poesia presente
Da alma de quem refaz:
É com gente feito Aninha
Que a nossa verve não jaz...
Viva a arte e o cordel
E viva Aninha Ferraz!

Isabelly Moreira é natural de São José do Egito (PE), berço de grandes poetas populares do Nordeste. Poetisa e ativista cultural há mais de dez anos, é autora do livro *Canta Dores* e de diversos títulos de cordéis, incluindo títulos voltados para a literatura infantil. A artista também desenvolve trabalhos de consultoria e assessoria de políticas culturais.

Enquanto produtora cultural, integrou diversos projetos no calendário artístico da região, ganhando destaque como uma das poetisas contemporâneas mais relevantes de Pernambuco.

Lucélia Borges é xilogravadora, contadora de histórias, terapeuta holística e pesquisadora da cultura popular brasileira. Mestre em Estudos Culturais pela USP, pesquisadora de cultura popular, ilustrou vários folhetos de cordel e livros como *A Jornada Heroica de Maria* e *Contos Encantados do Brasil*, de Marco Haurélio, ambos premiados com o selo Cátedra-Unesco (PUC-Rio) e com o selo Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Escreve textos sobre cordel e xilogravura no blogue Xilo-Mulher (xilo-mulher.blogspot.com).

Jô Oliveira, mestre dos quadrinhos, das artes plásticas e da literatura infantojuvenil, é pernambucano da Ilha de Itamaracá. De família paraibana, passou a infância em Campina Grande, de onde migrou, aos 11 anos, para o Mato Grosso do Sul e, no início de sua vida acadêmica, para o Rio de Janeiro, onde cursou a Escola de Belas Artes da UFRJ. Em 1969 mudou-se para Budapeste, capital da Hungria, onde ingressou na Escola Superior de Artes Industriais. O seu trabalho de conclusão de curso, uma versão do bumba meu boi, lançado em 1974, foi reeditado 40 anos depois, com texto de Marco Haurélio, e batizado como Mateus, Esse Boi é Seu. Teve livros lançados na França, Alemanha, Grécia, Dinamarca e Suécia. Participou de exposições artísticas em vários países, e, por duas vezes, recebeu o prêmio pelo melhor selo do mundo na cidade de Asiago, Itália, e recebeu quatro vezes a medalha Olho de Boi pela criação do melhor selo brasileiro. Recebeu, ainda, o Prêmio Tucuxi de Ilustração, o Troféu Carlos Estevão de Humor e o Troféu de Grande Mestre dos Quadrinhos.

Coleção Vidas em Cordel:

A coleção Vidas em Cordel, parte integrante da exposição de mesmo nome, é uma homenagem aos 30 anos do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida. Os depoimentos, transformados em versos por Jonas Samaúma e outros cordelistas, fazem parte de um acervo com mais de 18 mil histórias de vida. Para visitar o Museu da Pessoa e saber mais sobre esta e outras histórias, acesse www.museudapessoa.org ou aponte seu celular para o Qrcode abaixo:

